

Apresentação do organizador

Este número especial de *Horizontes de Linguística Aplicada* é dedicado ao papel, melhor dizendo, aos papéis – atuais e possíveis – desempenhados pela tradução no ensino e aprendizagem de línguas. Muito embora a Linguística Aplicada (LA) e os Estudos de Tradução (ET) tenham trajetórias acadêmicas análogas, ambos têm primado pela ignorância e indiferença mútuas. Em consequência disso, a pesquisa na interface das duas disciplinas, com aproveitamento dos avanços havidos nos dois campos do saber, vem sendo feita à contra-corrente e às margens do *mainstream* acadêmico. A própria ideia de dedicar um número de um periódico de LA à tradução MP ensino de línguas pareceria anátema uma década atrás.¹ O mesmo pode-se afirmar no âmbito dos ET.

Aspecto marcante, pois, dos artigos que compõem a presente publicação é a aceitação tácita de que não há mais razão para a “estigmatização e eliminação da tradução das salas de aula” (HARGREAVES, 2004, p. 47). Se antes era necessário abordar com cautela extrema a questão da tradução no ensino de línguas² ou então adotar uma postura quase catequética ou combativa na defesa dos méritos da tradução, devido à reação hostil à proposta de sua (re)-incorporação ao elenco de recursos ao alcance do professor de línguas,³ hoje é possível pensar e pesquisar a questão em ambiente de maior distensão e menor ranço, ainda que algumas instituições insistam em rejeitá-la de antemão. Não se discute mais se a tradução tem lugar relevante no ensino/aprendizagem de línguas. Discute-se agora que funções ela pode e deve desempenhar e por que meios obter o maior proveito de uma atividade

¹ Vale salientar que o periódico *Cadernos de Tradução*, da UFSC, dedicado aos Estudos de Tradução e o Programa Quintahabilidade, organizado por Lillian DePaula da UFES, pretendem lançar números sobre tradução no ensino e aprendizagem de línguas ainda este ano, o segundo com o título *Tradução: uma fonte para o ensino*.

² Esta atitude é perceptível em títulos como “The principled use of translation in foreign language teaching” (STIBBARD, 1998), “Does the use of translation exercises have negative effects on the teaching of a second language?” (BERGGREN, 1971), “Breaking taboos” (COOK, 2002), “Quem tem medo de tradução?” (FRACARO, 2002), “Sleeping with the enemy?” (GONZÁLEZ-DAVIES, 2002), “Fossil at large” (KLEIN-BRALEY, 1987), “Uso discriminado e indiscriminado da tradução como estratégia de ensino” (PHILLIPS, 2003) e “Are L2 learners more prone to err when they translate?” (SCHJOLDAGER, 2004).

³ Esse tom, recoberto de uma ironia cáustica, marca minha primeira publicação sobre o assunto (RIDD, 2000), que historia a presença central, subsequente sumiço e reaparição (assombração?) da tradução no ensino de línguas, como o fazem Sergio Romanelli e Josep Guzman & Eva Alcón em seus artigos aqui.

complexa, rica, instigante e necessária. É uma atividade que exige uma postura mais aberta e reflexiva de quem ensina línguas, muitos ainda muito acostumados às certezas e facilidades propiciadas por métodos e abordagens desenvolvidos no século 20, pouco apropriados aos desafios lançados pelo mundo em fluxo que conhecemos no século 21.

Traço positivo dos artigos que se seguem é o reconhecimento do papel que a tradução desempenha como contraponto da integração buscada pelo ensino de segunda língua no que diz respeito à identidade de quem aprende e apreende outra língua. Conforme argumento em texto atualmente no prelo (RIDD, no prelo), a tradução permite ir à terra estranha sem desvincular-se das próprias raízes culturais – viajar sem se exilar. É neste sentido, inclusive, que Ruth Bohunovsky recorre ao conceito de “compreensão do estrangeiro” propiciada por atividades de tradução textual, que aguçam a consciência cultural de quem aprende outra língua.⁴

Uma preocupação recorrente nos estudos apresentados aqui diz respeito ao cuidado em discriminar usos ou modalidades distintos de tradução em sala de aula. É uma cautela necessária, pois muitos enganos e desentendimentos derivam da falta de clareza por parte dos estudiosos em relação a o que seja a tradução ou em especificar a que modalidade de tradução eles se referem quando fazem afirmações, tanto positivas quanto negativas, a respeito da tradução em sala de aula de línguas.⁵

A distinção mais relevante separa a atividade mental do aluno da ação didática do professor. A tradução mental⁶ é inevitável e constante, tendendo a diminuir com o aumento da fluência na nova língua. Não há como desligar a máquina a traduzir do aprendiz, que associa o novo a adquirir com o já conhecido e aprendido. O cérebro trabalha por associação.⁷ Por conseguinte, querer proibir a tradução é ir contra a natureza, o que certamente se mostrará frustrante e ineficaz. O objeto de investigação de Sinara Branco, a

⁴ O artigo de Helena Vigata e Lúcia Maria Barbosa explora terreno contíguo ao considerar o papel da tradução na promoção da competência intercultural e do “saber compreender” da *linguacultura*.

⁵ Esse reparo foi feito de forma bem pertinente por Herbert Welker em seu artigo em defesa da tradução de frases isoladas na aprendizagem de línguas (WELKER, 2003). O mesmo pode-se dizer em relação à faixa etária dos aprendentes ou sua fase de aprendizagem da língua.

⁶ Também chamada de involuntária, inconsciente ou subliminar (vê SILVA e RIDD, 2007).

⁷ A este respeito, vê Hendrickx (1972) e Hentschel (2009).

identificação de estratégias de tradução em redações em língua estrangeira é um exemplo da superposição entre tradução mental e uso de língua materna. É difícil, inclusive, precisar onde começa um e termina o outro. O que ela identifica como estratégia de tradução pode, igualmente, ser considerado um fenômeno de interferência de língua materna na produção em língua estrangeira. A utilidade da sua abordagem reside mais na classificação precisa que o esquema de Andrew Chesterman permite, já que “estratégia” sugere uma ação deliberada que, obviamente, não procede no caso de redação em língua estrangeira, pois o aluno não tem a intenção de tradução.⁸

Por outro lado, deve-se explicitar a diferença entre o uso de traduções pontuais por parte do professor, feitas com o intuito de esclarecer dúvidas de sentido ou significado,⁹ da realização de uma atividade de tradução pelos alunos. Infelizmente, o termo “tradução pedagógica” é usado para referências às duas modalidades. Presumivelmente, ele nasce da necessidade de contrastar com a tradução profissional, mas acaba por semear mais dúvidas que esclarecimentos.

Depois, é preciso distinguir entre tradução de vocábulos ou frases e tradução de textos. Somente a tradução textual é capaz de desenvolver uma habilidade tradutória – e cresce o número de pesquisadores nesse meio que tratam a tradução como uma quinta habilidade.¹⁰ No entanto, não há razão para rechaçar o treino com frases isoladas, conforme preconiza Welker (2003) e com as ressalvas que ele faz, pois serve como alicerce (*building block*) que pode ser estendido e evoluir na prática da tradução textual.

Por fim, creio ser útil distinguir usos de tradução formatados como exercício, aí incluída a tradução textual, de atividades de tradução mais comunicativas, formatadas como tarefas e

⁸ Esta questão já foi explorada na pesquisa de Rachel Lourenço (2007).

⁹ Vale assinalar que o sentido (o que significa algo em contexto e/ou co-texto determinados) é mais relevante na tradução que o significado – o que explica a dificuldade de emprego adequado de dicionários, que descrevem significados, para fins de tradução... e de leitura também.

¹⁰ Embora concorde plenamente com esta designação – pois ela coloca a tradução na agenda pedagógica a merecer atenção do professor tanto quanto as quatro habilidades tradicionais –, reconheço sua natureza distinta. Ela é dependente e integradora das demais, o que tem implicações pedagógicas relevantes. Enfatiza-se que o termo “habilidade” restringe-se mais ao âmbito do ensino de línguas enquanto a literatura dos ET prefere o termo “competência” para se referir a aquilo que o tradutor profissional busca adquirir e aprimorar. Para uma discussão mais aprofundada, cf. Silveira (2007).

empregando materiais “autênticos”. Somente com esta última modalidade haverá aceitação plena da tradução como atividade adequada à abordagem comunicativa.¹¹ Ademais, esta modalidade é a que mais aproxima a tradução pedagógica da tradução profissional.

Outro denominador comum dos artigos que compõem o presente volume é o reconhecimento do valor do uso de tradução no ensino de línguas para aguçar a consciência linguística e cultural dos aprendentes. Ruth Bohunovsky, como já referimos, examina a forma como a tradução promove a “compreensão do estrangeiro”. No artigo de Josep Guzman e Eva Alcón, o foco está na consciência pragmalinguística e sociopragmática propiciada pelo uso do corpus AlfraCovalt; no artigo de Helena Vigata e Lúcia Maria Barbosa, ele se centra na consciência lingüístico-cultural ao argumentar a favor do uso de legendas interlinguais no ensino de línguas. Sinara Branco considera a utilidade da identificação do uso de estratégias de tradução em processos de redação para posterior conscientização e contraste das línguas em contato no ensino-aprendizagem de línguas. Maria Carolina Capilla e Mark Ridd, por outro lado, encaram a tradução como atividade essencialmente contrastiva que permite conscientizar o aprendiz de uma língua estrangeira próxima da língua materna das coincidências e diferenças, permitindo uma aprendizagem mais eficaz.

Malgrado a existência de várias facetas que aproximem os artigos que se seguem, o que mais chama a atenção é a variedade de óticas, atividades, instrumentos e línguas. O leque cobre desde legendagem a redação, sociopragmática a estratégias de tradução. As línguas tratadas são alemão, catalão, espanhol, inglês, italiano e – claro – português. Acima de tudo, representam um convite à reflexão, um chamado (bastante explícito no caso do artigo de Sergio Romanelli) a repensar o papel da tradução, já livre, queremos crer, de ranços associados ao Método de Gramática e Tradução, e uma indicação de vários caminhos a explorar na utilização eficiente de tradução como auxiliar na aprendizagem de línguas e como habilidade que, por si, precisa ser desenvolvida para um pleno domínio de outra língua. Afinal, todos esperam de alguém que aprende outra língua que seja capaz de

¹¹ A este respeito, vê Costa (2008) e Ridd (2003).

traduzi-la. O ensino que não propicia e, por vezes, não permite isso está deixando de cumprir o seu papel.

O volume fecha com uma bibliografia de referência que não se pretende exaustiva mas bastante indicativo de que o campo, ao contrário do alguns possam pensar, não é inexplorado. Existe ainda uma farta literatura sobre o papel da língua materna (ou L1) na aprendizagem de língua estrangeira (ou aquisição de L2) que não foi incluída por critério de seleção.

Esperamos, pois, que os artigos publicados aqui sirvam para divulgar um campo de pesquisa que estamos investigando de forma consistente no programa de Linguística Aplicada da Universidade de Brasília há mais de uma década e que já produziu mais de uma dúzia de dissertações¹² e vários artigos¹³. O presente número indica que ainda há muito

¹² ALVES, Mônica M.P. *Traduzir para adquirir vocabulário em língua estrangeira*, 2007; BOMFIM, Rafaela. *Babel de vozes: crenças de professores de inglês instrumental sobre tradução*, 2006; CAMPOS, Liza S. *Andragogia e integração de atividades de tradução textual no ensino/aprendizagem de línguas*, 2009; CERVO, Irène Z.S. *Tradução e ensino de língua*, 2003; CHECCHIA, Rosângela L.T. *O retorno do que nunca foi: o papel da tradução no ensino do inglês como língua estrangeira*, 2002; COSTA, Ana Paula A.T. da. *Traduzir para comunicar: a tradução como componente comunicativo no ensino-aprendizagem de inglês como língua estrangeira*, 2008; FARIA, Regina M. S. *Chave mediadora da compreensão: o papel da tradução consciente na compreensão de leitura em língua estrangeira*, 2006; FRACARO, C. L. *A pequena notável: o uso de tradução no ensino de línguas para adultos*, 2004; HARGREAVES, Luiz Eduardo S. *Além da língua: tradução e consciência crítica de cultura no ensino de línguas*, 2004; LOURENÇO, Rachel. *Processos de tradução na redação em língua estrangeira: um estudo de caso*, 2007; RIBEIRO, Adalto C. *Uma via de mão dupla? A tradução e o ensino contrastivo de língua estrangeira*, 2005; SILVA, Rosângela E. da. *Contribuições da abordagem comunicativa e da tradução para o ensino de inglês técnico: uma nova proposta*, 2005; SILVEIRA, Cilene G. da. *Tradução aplicada ao ensino de línguas: habilidade ou competência?* 2007; SOUSA, Reijane V. de. *O papel da legenda oculta (closed captions) na aprendizagem de língua estrangeira (inglês)*, 2005.

¹³ ALMEIDA, C.S. Imperialismo, complexo de inferioridade e uma idéia. *Revista Desempenho*, n. 2, p. 21-29, 2003; CERVO, Irène Z.S. Tradução pedagógica enfoques lingüístico e interpretativo. *Revista Desempenho*, vol. 4, n. 1, p. 67-78, 2005; FRACARO, C. L. Quem tem medo de tradução? *Revista Desempenho*, n. 1, p. 105-115, 2002; RIBEIRO, A.C. O papel da tradução e da análise contrastiva no ensino de língua estrangeira. *Revista Desempenho*, n. 2, p. 51-59, 2003; RIDD, Mark D. Out of exile: A new role for translation in the teaching/learning of foreign languages. In: SEDYCIAS, J. (org.) *Tópicos em lingüística aplicada 1/Issues in applied linguistics 1*. Brasília: Oficina Editorial do Instituto de Letras da Universidade de Brasília/Editora Plano, 2000, p. 121-148; RIDD, Mark D. Tradução, consciência crítica da linguagem e relações de poder no ensino de línguas estrangeiras. In: SILVA, D.E.G. (org.) *Atas do VII Encontro Nacional de Interação em Linguagem Verbal e Não-Verbal; I Simpósio Internacional de Análise de Discurso Crítica*. Brasília: Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Depto. de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula, 2005; RIDD, Mark D. Tradução em ambiente de Lingüística Aplicada. *Horizontes de Lingüística Aplicada*, n. 3, p. 88-90, 2004; RIDD, Mark D. Um casamento estranhamente ideal? A compatibilidade de gênios entre o comunicativismo e a tradução. *Horizontes de Lingüística Aplicada*, vol. 2, n. 1, p. 93-104, 2003; SANTOS JR., Elysio S. Em versão 2.0: desenvolvendo a autonomia do aprendiz e a habilidade tradutória por meio de

por explorar com proveito na pesquisa sobre a contribuição da tradução na aprendizagem e no ensino de línguas. Se estimular outros pesquisadores a se debruçarem sobre a questão, já terá se provado de algum valor.

Mark David Ridd

Referências

ALMEIDA, C.S. Imperialismo, complexo de inferioridade e uma idéia. *Revista Desempenho*, n. 2, p. 21-29, 2003.

BERGGREN, Inger. *Does the use of translation exercises have negative effects on the teaching of a second language?* A pilot study based on an experiment with two methods of teaching carried out on the beginners in the autumn term 1971. [Projektet språkfärdighet i engelska (SPRENG). Rapport 14]. Göteborgs Universitet: Engelska Institutionen/Pedagogiska Institutionen, 1972.

COOK, Guy. Breaking taboos. *English Teaching Professional*, n. 23, p. 5-7, April 2002.

COSTA, Ana Paula A.T. da. *Traduzir para comunicar: a tradução como componente comunicativo no ensino-aprendizagem de inglês como língua estrangeira*. Dissertação não publicada. Brasília: Universidad de Brasília, 2008. Disponível em:

<http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/3683/1/2008_AnaPaulaAlvesTorresCosta.pdf>

FRACARO, C. L. Quem tem medo de tradução? *Revista Desempenho*, n. 1, p. 105-115, 2002.

GASPAR, Neide F. Translation as a fifth skill in EFL classes at secondary school level. In: WITTE, Arnd; HARDEN, Theo; OLIVEIRA-HARDEN, Alessandra R. (eds.) *Translation in second language learning and teaching*. Oxford/Bern: Peter Lang, 2009, p. 173-180.

GONZÁLEZ DAVIES, M. Translation in foreign language learning: sleeping with the enemy? *A.P.A.C. of news*, p. 64-74, 2002.

atividades colaborativas na internet. *Revista Desempenho*, vol. 10, n. 2, p. 3-24, dezembro 2009; SILVA, Rosângela E. da. O uso da tradução em sala de aula de inglês técnico sob uma ótica comunicativista. *Revista Desempenho*, n. 5, p. 50-65, 2006; SILVA, Regina M. F.; RIDD, Mark D. Tradução consciente: chave mediadora da leitura em língua estrangeira. *Horizontes de Linguística Aplicada*, Brasília, v. 6, n. 1, p. 56-66, 2007; SOUSA, Reijane V. de. O uso de legenda oculta (closed caption) e a tradução de filmes: uma atividade prática, dinâmica e criativa. *Revista Desempenho*, n. 3, p. 51-63, 2004.

HARGREAVES, Luiz Eduardo S. *Além da língua: tradução e consciência crítica de cultura no ensino de línguas*. Dissertação não publicada. Brasília: Universidade de Brasília, 2004.

HENDRICKX, P.V. Language teaching and teaching translation. *Babel*, vol. 18, n. 1, p. 14-20, 1972.

HENTSCHEL, Elke. Translation as an inevitable part of foreign language acquisition. In: WITTE, Arnd; HARDEN, Theo; OLIVEIRA-HARDEN, Alessandra R. (eds.) *Translation in second language learning and teaching*. Oxford/Bern: Peter Lang, 2009, p. 15-30.

JANULEVIČIENĖ, V.; KAVALIAUSKIENĖ, G. Promoting the fifth skill in teaching ESP. *English for Specific Purposes World*, vol. 2, n. 2, 2002. Available at: <http://www.esp-world.info/Articles_2/PromotingtheFifthSkillinTeachingESP.html>

KLEIN-BRALEY, Christine. Fossil at large: translation as a language testing procedure. In: GROTHJAHN, R.; KLEIN-BRALEY, C.; STEVENSON, D. K. (eds) *Taking their measure: the validity and validation of language tests*. Bochum: Studienverlag Dr. N. Brockmeyer, 1987, pp. 111-132. [Quantitative Linguistics 34]

LOURENÇO, Rachel. *Processos de tradução na redação em língua estrangeira: um estudo de caso*. Dissertação não publicada. Brasília: UnB, 2007. Disponível em: <http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/2752/1/2007_RachelLourenco.pdf>

PHILLIPS, Cynthia C.E. *Uso discriminado e indiscriminado da tradução como estratégia de ensino de língua inglesa*. Dissertação não publicada. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 2003.

RIDD, Mark D. Out of exile: A new role for translation in the teaching/learning of foreign languages. In: SEDYCIAS, J. (org.) *Tópicos em lingüística aplicada 1/Issues in applied linguistics 1*. Brasília: Oficina Editorial do Instituto de Letras da Universidade de Brasília/Editora Plano, 2000, p. 121-148.

RIDD, Mark D. Tradução: a terceira margem da interlíngua. In: ORTIZ-ÁLVAREZ; ALMEIDA FILHO (eds.) *Novas línguas – línguas novas*. Campinas: Pontes, no prelo.

RIDD, Mark D. Um casamento estranhamente ideal? A compatibilidade de gênios entre o comunicativismo e a tradução. *Horizontes de Lingüística Aplicada*, vol. 2, n. 1, p. 93-104, 2003.

SCHJOLDAGER, Anne. Are L2 learners more prone to err when they translate? In: MALMKJAER, K. (ed.) *Translation in undergraduate degree programmes*. Amsterdam: John Benjamins, 2004, pp. 127-150.

SILVA, Regina M. F.; RIDD, Mark D. Tradução consciente: chave mediadora da leitura em língua estrangeira. *Horizontes de Linguística Aplicada*, Brasília, v. 6, n. 1, p. 56-66, 2007.

SILVEIRA, Cilene G. da. *Tradução aplicada ao ensino de línguas: habilidade ou competência?* Dissertação não publicada. Brasília: Universidade de Brasília, 2007. Disponível em: <http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/3191/1/2007_CileneGoncalvesdaSilveira.PDF>

STIBBARD, R. The principled use of translation in foreign language teaching. In: MALMKJAER, K. (ed.) *Translation & language teaching: language teaching & translation*. Manchester: St. Jerome Publishing, 1998, pp. 69-76.

WELKER, Herbert A. Traduzir frases isoladas na aula de língua estrangeira: por que não? *Horizontes de Linguística Aplicada*, vol. 2, n. 2, p. 149-162, 2003.